

|                                |                          |                                |
|--------------------------------|--------------------------|--------------------------------|
| <b>Veículo: Diário do Pará</b> |                          |                                |
| <b>Data:</b> 08/12/2016        | <b>Caderno:</b> Magazine | <b>Página:</b> 01              |
| <b>Assunto:</b> Seminário      |                          |                                |
| <b>Tipo:</b> Notícia           | <b>Ação:</b> Espontânea  | <b>Classificação:</b> Positiva |

# O assunto é palhaçada

Um dos personagens mais tradicionais da arte circense é tema de seminário em Belém



O grupo Meu Clown, de Maringá, no Paraná, é um dos convidados da programação. FOTO: DIVULGAÇÃO

**Dominik Giusti**



dominik.giusti@diariodopara.com.br

O palhaço é um personagem secular. Faz parte da história das artes cênicas, mesmo tendo passado muito tempo no limbo de uma arte menor, dentro do teatro consagrado de origem grega ou europeia. O professor da Universidade Federal do Pará (UFPA), Marton Maués, lembra que ainda assim o personagem é simbólico em inúmeras sociedades. Por isso mesmo, é seu objeto de estudo acadêmico e mote para criações teatrais. E para instigar produtores, atores, público e pesquisadores ocor-

re de hoje, 8, até a próxima segunda-feira, 12, o II Seminário de Palhaços, em Belém.

“É um personagem que tem ligação forte com o circo, sendo uma das principais atrações, e está dentro das artes cênicas há muito tempo. Claro que isso não é visto por pessoas que fazem a arte cênica que chamam de teatro com origem grega europeia. Elas não consideram o palhaço e arte circense como arte maior, mas esteve aí com grandes picos de sucesso e outros menos”, comenta Marton Maués. “Hoje o palhaço entra no teatro também por determinada via e tem sentido muito grande para a preparação do ator, principalmente após as décadas de 1950 e 60, com Jacques Lecoq, que criou uma metodo-

logia para a formação do palhaço e do ator”, completa.

O professor destaca ainda que atualmente muitas escolas, universidades e escolas livres de teatro, têm o palhaço como sendo fundamental para formar novos interpretes, pois isso desenvolve percepção do corpo, do jogo cômico, além de provocar interações com o público, pela capacidade grande de improvisação e de provocar o riso. É uma maneira também de encontrar um estado corporal e emocional para a comédia, o que ele diz não ser de fácil aprendizado, mas que exige treinamento e técnica. Marton introduziu na capital paraense esse tipo de estudo há mais de 18 anos, com a criação do grupo Palhaços Trovadores, e outras iniciativas.



## Do picadeiro para a academia

“Hoje, na Escola de Teatro e Dança da UFPA, tanto no curso técnico quanto da graduação, existe a disciplina de Palhaçaria. É uma das poucas escolas no Brasil que tem como disciplina em seu currículo. O grupo de pesquisa que coordeno, ‘Clown nosso de cada dia’, é ligado à UFPA e tem por objetivo difundir essa linguagem, realizar treinamentos, estudos e pesquisa”, diz Marton, para quem o interesse por esse personagem vem aumentando no meio acadêmico. “Já vemos pessoas pesquisando, monografias, mestrados, teses de doutorado, já trabalhando o palhaço em várias perspectivas, falando de si, de grupos, com diversos pensamentos teóricos”, afirma o professor. O seminário que acontece em Belém até a próxima segunda-feira terá, além de apresentações teatrais, lançamento de livros e espaços

de discussão sobre pesquisas envolvendo o palhaço na cena contemporânea paraense e brasileira. Marton destaca que as pesquisas e realizações são importantes no sentido da reflexão. “Todo fazer, artístico, ou não, é sempre importante que esteja se pensando e questionando porque isso vai estar sempre ampliando o conhecimento e o desenvolvimento de quem está fazendo. Então, essa é a função do grupo de pesquisa e do seminário. Passamos o ano todo reunidos, fazendo exercícios e treinamentos, e é preciso que isso se abra para a comunidade”, defende. Ele diz ainda que movimentos como esse são recentes e que contribuem para que a própria história do circo brasileiro possa ser pesquisada e contada. Outra perspectiva, ao permitir que o público se integre aos artistas, é formar base para críticas e sugestões – o que acaba gerando também um retorno aos grupos.

### PROGRAMAÇÃO

#### 08/12 (Abertura)

- 19h - Lançamento do livro “Enciclopédia, Dicionário Crítico Ilustrado do Circo no Brasil”, de Sula Mavrudis, e “As Crianças do Circo e as Crianças da Cidade”, de Sula Mavrudis e Geraldo Martins.
- 20h - Espetáculos: Horrorpilante (Grupo Caixote Velho) e Quem Não deve não Temere(r) (com Luiz Girard/Leo Andrade/Camila Góes)

#### 09/12

- 10h às 12h - Encontro com Sula Mavrudis: conversa sobre pesquisa e arte cênica.
- 15h às 18h - Comunicações de pesquisas
- 20h - Espetáculo: Rala, palhaço! (com Andréa Flores)

#### 10/12 (Dia do Palhaço)

- 09h às 12h - workshop: intercâmbio Belém/Maringá
- 15h às 18h - workshop: intercâmbio Belém/Maringá
- 20h - Cabaré Clown
- 21h - Lançamento do livro “Meu Clown - Uma pedagogia para a arte da palhaçaria”, de Marcelo Colavitto

#### 11/12

- 09h - Cortejo Clown pela Pç. da República
- 11h - Espetáculos Solos
- 20h - Espetáculo: Orquestra de Bexigas, do Grupo Meu Clown-PR
- 21h - Pic-Nic Clown/Confraternização

#### 12/12 (Encerramento)

- 09h às 11h - A troca na vida no circo. Troca de experiências e lançamento do livro, com Sula Mavrudis, e Reprises de palhaços (no Teatro Margarida Schivasappa).

**Onde:** casa dos Palhaços - Trav. Piedade, 533 (Reduto)